



HOMO.

SEXY.

UAU!

**TUDO SOBRE SER
GAY!**

Renata Porcellis

Kai Krause

**HOMO.
SEXY.
UAU!**
TUDO SOBRE SER GAY

Autoras

Renata Porcellis

Kai Krause

Consultor

Bruno Candido

2024 by Atena Editora

Editora chefe	Copyright © Atena Editora
Prof ^a Dr ^a Antonella Carvalho de Oliveira	Copyright do texto © 2024 As autoras
Editora executiva	Copyright da edição © 2024 Atena Editora
Natalia Oliveira	
Assistente editorial	Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelas autoras.
Flávia Roberta Barão	
Bibliotecária	Open access publication by Atena Editora
Janaina Ramos	



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva das autoras, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos as autoras, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Multidisciplinar

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof^a Dr^a Aline Alves Ribeiro – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof^a Dr^a Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Prof^a Dr^a Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Eufemia Figueroa Corrales – Universidad de Oriente: Santiago de Cuba
Profª Drª Fernanda Pereira Martins – Instituto Federal do Amapá
Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Jodeylson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Lisbeth Infante Ruiz – Universidad de Holguín
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Profª Drª Mônica Aparecida Bortolotti – Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro Oeste
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanesa Bárbara Fernández Bereau – Universidad de Cienfuegos
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ficha Técnica

Título Original

HOMO. SEXY. UAU! TUDO SOBRE SER GAY

Autoras

Renata Porcellis

Kai Krause

Consultor

Bruno Cruz Candido

Revisão de Texto

Rafael Barbosa Porcellis da Silva

Projeto Gráfico e Capa

Bruno Cruz Candido

Ilustração

Gabriela Barcellos da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P833 Porcellis, Renata
Homo. Sexy. Uau! Tudo sobre ser gay / Renata
Porcellis, Kai Krause; Consultor Bruno Candido. -
Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-2773-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.735242207>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. 3.
LGBTQI+. 4. Orientação sexual. I. Porcellis, Renata. II.
Krause, Kai. III. Candido, Bruno (Consultor). IV. Título.

CDD 306.766

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

DECLARAÇÃO DAS AUTORAS

As autoras desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O projeto “Visibilidade às diferenças na escola” desenvolvido pelo Fora da Caixa - Grupo de pesquisa em educação, gêneros e sexualidades do IFSul - Campus Pelotas, buscou abordar temáticas sobre gêneros, sexualidades, violências, estereótipos, questões étnico-raciais, gordofobia e vivências queer, que fogem das normas heterossexuais, brancas e masculinas.

Utilizando uma linguagem jovem e atual, voltada ao público adolescente na faixa etária entre 14 e 18 anos, tentamos desenvolver um texto atrativo para que a juventude consiga, de fato, apropriar-se dos conhecimentos compartilhados pelos dez livros produzidos, buscando a construção de relações mais empáticas, pautadas no reconhecimento das diferenças entre colegas, professores e gestores no ambiente escolar.

Na escolha das referências para a construção dos textos buscamos utilizar materiais produzidos em diferentes perspectivas visando a descolonização do conhecimento bem como o reconhecimento das vivências e experiências dos grupos oprimidos. Utilizamos, então, textos de teóricas mulheres, negras, gordas, latino-americanas e africanas, junto com referenciais europeus, brancos e masculinos.

O conteúdo dos livros é resultado de um projeto de pesquisa apoiado pela Pró-reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul, através do EDITAL PROPESP-BOLSA/ IFSul - Nº 06/2018.

**CO
LE
ÇÃO**

**EXPLICANDO
GÊNERO**

**QUAL É A
DIFERENÇA?**

**SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO
DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

**NO FINAL É
TUDO DRAG:**

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

**VOCÊ VAI SE ARREPENDER DE LEVANTAR A MÃO
PRA MIM!**

VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

**NÃO É SÓ SOBRE
PINTOS E XOXOTAS**

TRANSGENERIDADES

**NÃO TEM CABIMENTO
ESSA TAL**

GORDOFOBIA

**ONDE VOCÊ
ESCONDE SEU**

RACISMO?

HOMO. SEXY. UAU!

TUDO SOBRE SER GAY!

BEM-VINDA AO BREJO!

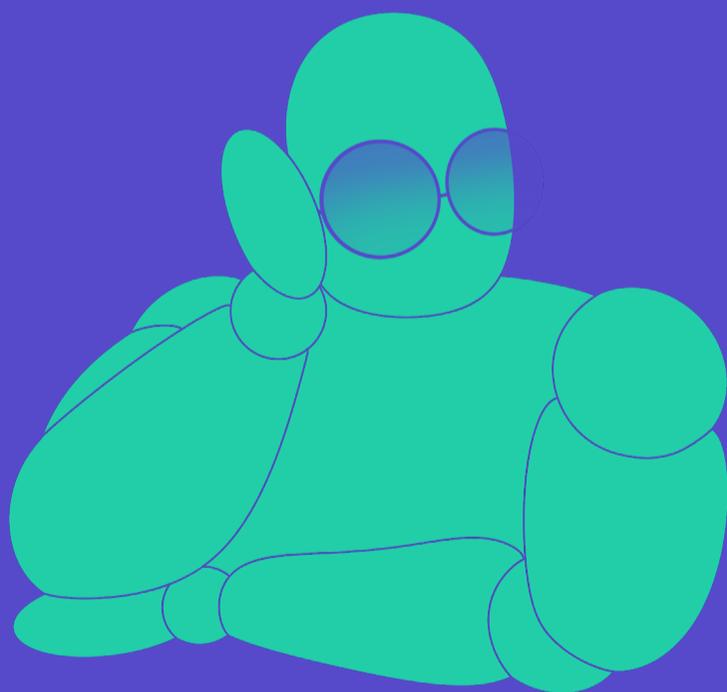
UTILIDADES SAPATÔNICAS

CUIDADO, ESTE LIVRO É FRÁGIL!

MANUAL DA HETERONORMATIVIDADE

VULVA,

**MUITO
PRAZER!**



1. PRA COMEÇO DE CONVERSA

Não sabe do que se trata? A gente te conta.

2. TODA TRABALHADA NA INFORMAÇÃO

Não é só close e purpurina!

3. NÃO ENTENDEU? A GENTE DESENHA

Nossa bandeira jamais será descolorida!

4. CAÔ X FATO

Isso é arte, meu querido!

5. BABADO FORTE

Os vários jeitos de ser gay.

6. PRA NÃO DAR CLOSE ERRADO

Tudo nessa vida tem limite!

7. PRA COLAR NA PROVA

Te pareceu grego? A gente traduz!

8. PRA STALKEAR GERAL

Não somos críticos de cinema, mas esses são bons!

9. NÃO PEGOU A REFERÊNCIA?

Pra quem tá procurando o que ler nas férias.

1

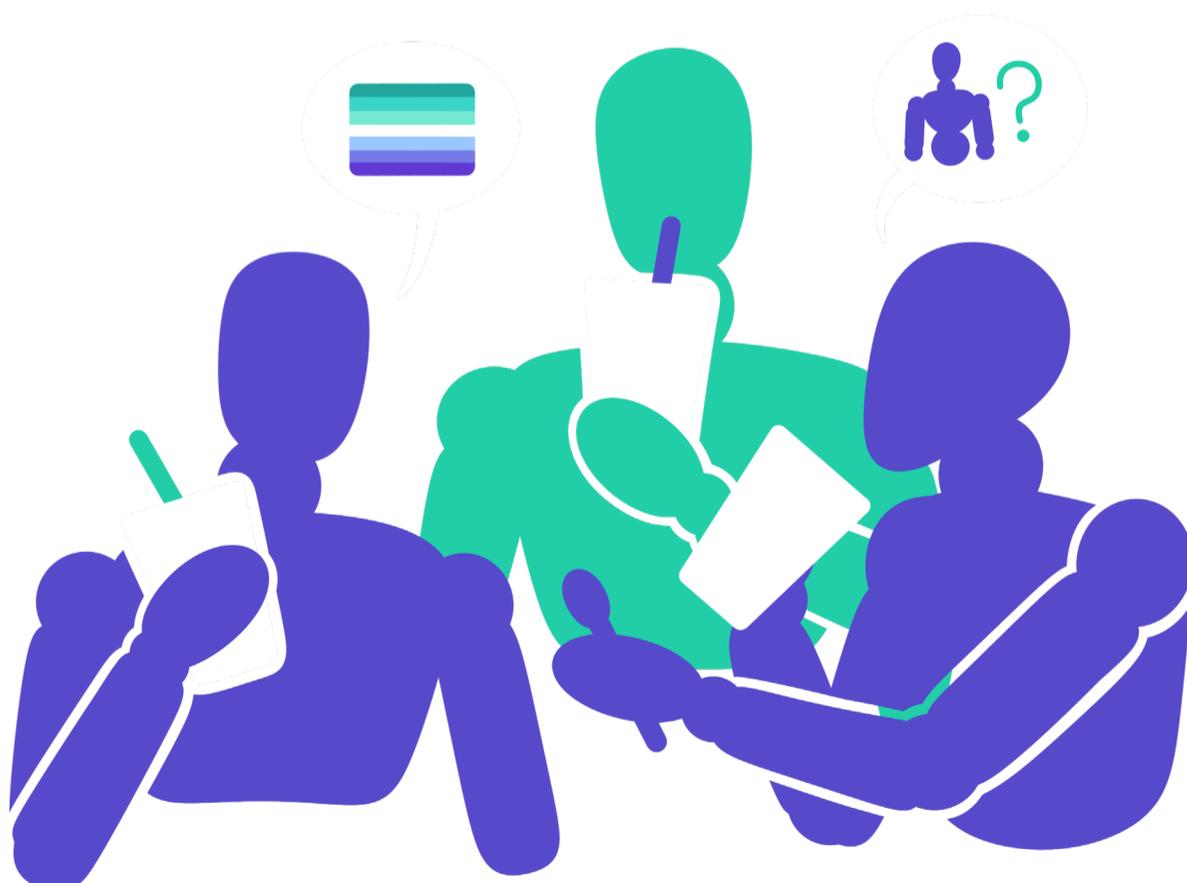
PRA COMEÇO DE
CONVERSA

Não sabe do que se trata? A gente te conta.

Você se encontra com seus amigos pra comer um açaí com leite ninho no final de semana e, de repente, alguém joga na rodinha: “*Gente, o Gabriel é gay!*”. Aí começa um debate entre o pessoal que tinha certeza absoluta de que ele era e o pessoal que ficou muito surpreso. “Ele sempre teve jeito, tava na cara que era!”; “Nossa, não acredito. Tão bonito... uma pena.” Enquanto isso, no fundo, estão todos se perguntando: “O que será que aconteceu pra ele ser assim?”

Conversas desse tipo são supernormais, acontecem o tempo todo. Ser gay sempre acaba virando um tema em debate com seus amigos, as pessoas que te conhecem de vista e as que convivem com você. Quem nunca ouviu pelos corredores alguém discutindo “Será que ele é?”

Mas mesmo com as pessoas debatendo tanto sobre quem é ou não é gay, será que elas entendem o que é ser gay? Você sabe o que significa ser gay na nossa sociedade? Ser gay é só saber coreografias da Britney, gostar de RuPaul’s Drag Race e comprar roupa na Renner? Todo menino gay dá pinta? A gente sabe que tem muita dúvida na sua cabeça, então vamos juntos descobrir tudo sobre ser gay.



HOMO. SEXY. UAU!
TUDO SOBRE SER GAY

2

TODA TRABALHADA
NA INFORMAÇÃO

Não é só close e purpurina!

CADASTRO NO VALE: COMO SABER SE SOU GAY?



Entender que você é gay é um processo que pode ser complicado. Mesmo que o único pré-requisito seja você ser um homem (cis ou trans) que gosta de outros homens, isso pode ter impacto no resto da sua personalidade. Não é que fazer sexo com outro homem faça você gostar da Madonna, mas, quando seus iguais gostam muito de alguma coisa ou têm um comportamento que se repete várias vezes, as chances de você gostar dessas coisas ou ter esses comportamentos é bem grande.

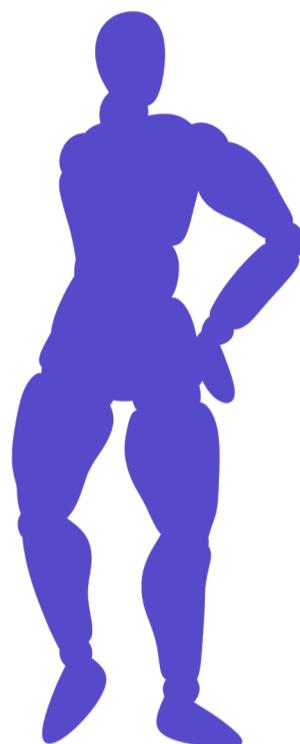
Isso não é uma coisa ruim! Muitas dessas coisas ajudam a nos sentirmos menos sozinhos e, em uma sociedade **heterossexista**, saber que existem outras pessoas como nós é muito reconfortante. É por isso que tantos meninos gays gostam de pop e de drag music. Não é um gene gay que faz você gostar tanto da Pabllo Vittar e da Glória Groove, é a nossa cultura! São nossos ícones e nossas artistas! Elas ajudam (*e muito!*) a desenvolver nosso senso de grupo.

Não são só os gostos musicais, a moda e a cultura que nos fazem sentir um grupo. Tem muitas situações que vários

(pra não dizer todos) meninos gays já passaram ou passam até hoje. Quem nunca engrossou a voz pra dar boa noite pro Uber, por exemplo? E a gente sabe que quando você ia jogar Street Fighter era o primeiro a escolher a Chun-Li.

Sair com a mãe pra comprar roupas era sempre uma frustração, não é? Você queria muito levar a bota da Bela e a Fera, mas ela insistia em comprar o tênis do Max Steel! Ainda bem que sempre dava pra ficar admirando as capas dos pacotes de cueca na fila do caixa!

Até hoje você faz crossfit pra ficar com aquelas pernas, não é mesmo?

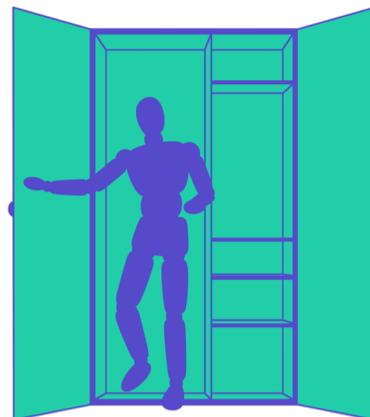


-Não adianta negar, a gente sabe que você fazia isso-

Festas de família sempre foram uma coisa complicada. Ou você passava brincando com suas primas ou conversando com as suas tias, bem longe dos homens e do papo do futebol. E a engenharia de como cumprimentar um menino hétero é uma ciência que poucos gays dominam, as mãos sempre se confundem.

Tem várias outras coisas que são bem gays, como chamar outros gays de “senhora” ou usar “horrores” como advérbio de intensidade, mas nada disso é obrigatório e você não precisa fazer nenhuma dessas coisas pra ser “gay de verdade”. Isso são apenas traços culturais que nos ajudam a sentir menos sozinhos e mais acolhidos, afinal, pertencer a um grupo é uma coisa muito boa.

O QUE FAZER COM SEU ARMÁRIO?



Entender que você é gay é uma questão de autoconhecimento e descoberta que todo mundo precisa passar, mas os conflitos internos, os medos e a confusão na cabeça dos meninos não precisavam existir.

Em uma sociedade heterossexual, descobrir-se gay é uma coisa muito louca. Isso porque existem mil e uma maneiras para a heterossexualidade ser entendida como a regra natural da vida. **Heterossexismo** é a palavra bonita que a gente usa pra dizer que tudo é heterossexual: a maioria das pessoas que você conhece, entre família e amigos; a maioria das personagens da maioria das coisas que a gente assiste na TV; na escola, quando se fala de sexualidade só mostram relacionamentos heterossexuais. A gente só escuta falar sobre gays no bullying e nas fofocas.

Aí você começa a perceber que tudo na sua vida é heterossexual, menos você. É difícil manter a calma. Aceitar que você é gay pode demorar um pouco e isso é normal! Ainda mais com todo mundo te cobrando desde cedo que você seja heterossexual. Não saber explicar o que sente, abafar alguns sentimentos ou fingir que nada tá acontecendo, pode te sufocar, mas é normal reagir assim.

Não existe uma receita de como lidar com o fato de ser gay. Cada pessoa faz isso de uma maneira diferente e não existe maneira “certa”. O que pode ajudar bastante e ser um ótimo primeiro passo, é se assumir pra si mesmo. Vá pra frente do espelho e seja sincero com você, falar a verdade é um alívio imenso.

Depois de contar pra si mesmo, é hora de contar pras outras pessoas. Isso é bem assustador e é normal ficar paralisado de medo. Mas não se preocupe, uma hora esse medo vai ser menor e você vai conseguir contar pra quem acha que precisa contar. Você não precisa contar pra todas

as pessoas que te conhecem, até porque a maioria delas não liga pra isso! Conte só pra quem você confia e ama. Escolha as pessoas que são importantes pra você e leve o tempo que precisar pra contar pra elas.

Não existe idade certa, data limite ou um contador de tempo que tá chegando perto do final. Se você quiser pode, inclusive, passar a vida inteira sem “se assumir” e só viver um dia depois do outro, como se nada estivesse acontecendo. Mas pense com carinho se for tomar essa decisão: as pessoas que amam você têm o direito de te conhecer de verdade e, se elas te amam, ser gay vai ser só um detalhe a mais.

Contar para os seus responsáveis é, sem dúvida nenhuma, muito mais difícil do que contar para os amigos. Comece por eles (os amigos) se isso te fizer sentir mais seguro. Mas não esqueça das pessoas que te criaram e amaram desde cedo! A gente sabe que o medo de ser expulso de casa é real e se você quiser esperar ser independente, pode esperar, mas tente confiar nos seus responsáveis e ter a coragem de acreditar que eles vão estar lá para te ajudar.

Não existe regra para sair do armário, até porque as LGBTQIA+ só precisam “se assumir” por causa da **heterossexualidade compulsória**. Todo mundo espera e parte do pressuposto de que você vai ser heterossexual então, em algum momento, é preciso quebrar essas ilusões e expectativas.

A única coisa que você precisa se lembrar é: você provavelmente demorou um tempo para se acostumar com a ideia de que você é gay e as outras pessoas podem precisar de um tempo também! Não fique bravo com seus pais ou seus amigos se eles não tiverem a melhor reação no começo. Dê um tempo pra eles se acostumarem com a ideia e lembrarem que ser gay não é nada demais. Existe muita desinformação sobre o assunto, tente levar alguma coisa que possa ajudar essas pessoas a tirarem suas dúvidas e mandarem embora seus medos e tabus.

Quando você está fora do armário é tão bom poder ser quem você é, não ter que tomar cuidado com sua fala, sem

ficar escondendo seus pensamentos e, principalmente, conseguir e se permitir conhecer e frequentar lugares onde você encontra seus iguais, sem medo de ser julgado. Sair do armário é muito bom e vale muito a pena, você só precisa dar tempo ao tempo e respeitar o seu processo.

CONCHINHA OU CATAÇÃO?

Relacionamentos são complicados, a gente sabe. Relacionamentos gays não são diferentes de relacionamentos héteros nesse sentido: lidar com pessoas é difícil independentemente da sexualidade. Mas, uma grande diferença entre ser gay e ser hétero, é aquela famosa dúvida: “será que meu crush também é gay?”.

Ele pode ser legal, inteligente, bonito, se vestir bem, gostar das mesmas músicas que você, mas se ele não for gay, não adianta: você caiu na armadilha do crush hétero. Isso é um problema que eventualmente aparece na vida de um menino gay. Mas como saber se seu crush é gay também?

Muito se fala e muito se acredita no famoso “gaydar”, uma espécie de sexto sentido que os gays têm que permite que eles saibam quem é gay e quem não é. Tem muita gente que acredita no gaydar e jura de pé junto que sabe, com 100% de certeza, quem é gay, mesmo que a pessoa esconda.

O grande problema do gaydar é: o que é que está sendo medido? Se você pensou na palavra estereótipo, pode rodar a roda e levar o seu playstation. Muitas vezes o gaydar nada mais é do que procurar na outra pessoa estereótipos gays que confirmem a sexualidade dela. Trejeitos afeminados, gostos musicais, jeito de se vestir.

Com a convicção de que o seu gaydar funciona, alguns meninos tentam investir no seu crush hétero, alguns tentam “converter” e outros estão tão convencidos de que o outro menino é gay, que prometem “quebrar a porta do armário”. Mas não adianta, se o seu crush for hétero, é melhor desistir.

O gaydar não passa de um mito. O único jeito de saber se outra pessoa é gay, é perguntando pra ela. Se ele te disser que não é gay, mas você estiver convicto de que não é verdade: segura as pontas, isso não é problema seu. Vire a página, procure outra pessoa, tem bastante gay no mundo, é só procurar nos lugares certos.

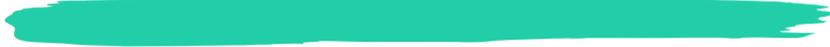
E você não precisa querer um relacionamento monogâmico! A monogamia, essa história de ficar com uma única pessoa pro resto da sua vida, é uma invenção heterossexual e você não precisa aderir, existem outras maneiras de se relacionar. Não-monogamia é o termo que a gente usa pra falar de todo relacionamento que não segue esse modelo dos contos de fada que terminam com um casal feliz pra sempre. Tem vários tipos de relacionamentos não-monogâmicos e você pode experimentar se quiser.

Se não quiser, pode seguir sendo monogâmico que não é crime nenhum. Tem muita gente que acha que os gays não namoram, só fazem sexo casual e nunca encontram estabilidade. Isso é mentira! Você pode ser gay e achar um namorado estável, ter uma vida a dois tranquila e regada a Netflix. Se der certo, pode ser um relacionamento feliz e saudável que termine em um casamento, filhos e um golden. E se você acha que essa ideia de que os gays só procuram sexo é real porque todos os meninos que você conheceu só queriam isso, é bom você parar e se perguntar “eu estou procurando um relacionamento no lugar certo?” Aplicativos de pegação não são o melhor lugar pra isso, só uma dica.

Tem gente que gosta de uma coisinha só a dois, tem gente que prefere algo aberto, tem gente que se entende a três. Todos os relacionamentos são válidos, desde que tenham o consentimento de todas as partes envolvidas. Independentemente de ser hetero ou homo, monogâmico ou não-monogâmico, todo relacionamento pode ser abusivo! Seus parceiros não estão isentos de serem abusivos e nem você está! É sempre importante tomar cuidado para levar uma relação saudável e ficar atento para, caso ela se torne algo tóxico, pular fora e curar as feridas.

É NORMAL SER

GAY?



Infelizmente essa hora chega pra todos. Você pode fugir dessa pergunta, mas ela acaba voltando pra assombrar seus piores pesadelos. Afinal, é normal ser gay?

Ser gay é tão normal quanto conviver com essa dúvida. Passar a vida inteira ouvindo familiares dizendo que “isso é uma aberração”, vendo o pastor da sua Igreja dizendo que é um pecado nojento e convivendo com seus colegas de aula fazendo piadas com você, pode acabar mexendo com a sua cabeça. E, é lógico, isso não é uma coisa fácil de parar de pensar. Quando você passa a vida inteira ouvindo uma coisa, não pode esperar se convencer do contrário logo de cara. Demora um tempo e, durante esse tempo, a dúvida pode puxar seus pés enquanto você tenta dormir.

Quando você estiver passando uma noite em claro e essa dúvida aparecer zunindo no ouvido, brigue com você mesmo para se convencer: ser gay é normal! Mesmo que todos na sua volta digam o contrário, pode ter certeza de que eles estão errados. Ser gay não é escolher andar com o diabo; não é uma doença e nem uma falha genética; não é trauma de um pai ausente ou uma criação “com falta de porrada”.

A sexualidade humana é complexa demais para o argumento “dois iguais não fazem filho”. Seres humanos não usam a sexualidade só como ferramenta reprodutiva, muito pelo contrário. A sexualidade se constrói nas personalidades, é afetada pelas diferentes rotinas, conversa bastante com a cultura onde estamos inseridos e é natural que nem todas as pessoas sejam heterossexuais.

Se você der uma pesquisada, vai encontrar que a homossexualidade acontece em uma variedade enorme de animais: nossos primos mamíferos, como chimpanzés e os próprios veados; aves, como os pinguins; dos peixes aos répteis, a homossexualidade acontece na natureza e a ciência sabe disso.

“Mas por que diabos eu sou gay?”

A sexualidade humana é resultado de três principais coisas: a sua inclinação genética, que explica como seu corpo reage biologicamente; efeitos de experiências pessoais durante o desenvolvimento do seu cérebro, que construíram seu psicológico e; os efeitos da cultura nos seus processos de socialização, quando você é programado para responder ao seu meio cultural. Têm tanta coisa envolvida em cada uma dessas três influências e existe uma infinidade tão grande de coisas que podem acontecer com você durante seu desenvolvimento que tentar encontrar uma explicação única do porquê você é gay é uma tarefa muito difícil.

E por que que existe uma insistência tão grande em explicar uma coisa tão difícil de explicar? Boa parte das pessoas tentam encontrar o exato ponto onde elas podem mexer para “consertar esse erro”. Você não precisa delas, elas estão viajando. A realidade é que ser gay é tão normal quanto ser alto ou baixo e você não precisa se justificar se não quiser, afinal a natureza, as ciências humanas e as exatas já estão fazendo esse trabalho pra você e contra fatos não há argumentos.

Só é importante ter a consciência de que você vai ser cobrado por uma explicação várias vezes durante a sua vida. Isso vai acontecer e é bom você se preparar pra conseguir acordar as pessoas para a realidade. Essa cobrança existe porque nós vivemos em uma cultura homofóbica desde que saímos do útero e não são todas as pessoas que param para questionar isso.

Aliás, você já parou para pensar sobre a homofobia no seu dia a dia?



HOMOFOBIA É TÃO ANOS 80...

Difícilmente você nunca ouviu a palavra “homofobia” em algum momento da vida. Isso porque, infelizmente, o Brasil é um país muito homofóbico (e lesbofóbico, e transfóbico, e racista, e machista, e gordofóbico, e capacitista...). Só em 2018, 420 pessoas LGBTQIA+ morreram no Brasil entre assassinatos e suicídios. É comum vermos notícias de violência contra LGBTQIA+ todos os dias na televisão e a palavra “homofobia” aparece direto. Mas mesmo com ela sendo tão recorrente, você sabe o que é a homofobia?

Muitas vezes essa palavra é usada nas situações erradas, noticiando a morte de qualquer LGBTQIA+ como homofobia. A homofobia é o preconceito direcionado aos homens gays ou bissexuais em relacionamentos gays. É um preconceito estrutural, ou seja, está em todos os lugares da nossa cultura. Ele inicia nas coisas simples, como xingamentos e “piadas” que começam na escola.

Ser xingado na escola por parecer gay (ou por ser assumidamente) é uma experiência que muitos meninos compartilham. O repertório de apelidos é imenso, as pessoas são bem criativas quando querem. “*Bicha*” e “*viado*” são os favoritos e é quase impossível passar a vida inteira sem ouvir isso, de maneira pejorativa, pelo menos uma vez. Mas, mesmo que você nunca tenha sido chamado assim diretamente, em algum momento essas palavras foram usadas por pessoas na sua volta.

Com tanta gente na nossa volta dizendo que não gosta de viado ou que “tem nojo de bichinha”, a gente acaba naturalizando a homofobia como uma coisa normal e cotidiana. Ficar usando palavras depreciativas como se elas

fossem um “bom dia” não é lá o melhor dos comportamentos.

O detalhe é que esses xingamentos não são direcionados apenas aos gays. Meninos héteros costumam chamar os amigos de “viado” o tempo inteiro. Eles não fazem isso apenas para ofender o colega, mas pra se sentirem superiores aos amigos, inferiorizando eles como “bichas”. Esses meninos não estão sofrendo homofobia, porque não são gays, mas eles estão reproduzindo xingamentos homofóbicos que deixam implícito que ser gay é uma coisa inferior e errada. Isso são apenas respingos de um comportamento homofóbico naturalizado.

Esses respingos, na verdade, são bem comuns. Você já viu alguma notícia parecida com “pai e filho são confundidos com casal gay e apanham na rua”? A homofobia tem uma face violenta, que mata muita gente todos os anos. Homens gays são espancados na rua enquanto voltam para casa, saem da balada ou vão no shopping. Mas o que os heterossexuais tem a ver com isso? Além de serem os agressores, o que é bem óbvio!

Quem apanha na rua por ser gay, tem que ser afeminado ou estar com o namorado. Os agressores não tem um aparelho portátil que apita quando a pessoa é gay. Então, quando irmãos trocam um abraço, um pai e um filho vão juntos ao cinema ou dois amigos saem juntos para ir pra uma festa, eles podem ser “confundidos” com um casal gay e apanharem na rua. Isso é a homofobia respingando em pessoas heterossexuais.

Isso acontece porque as violências homofóbicas, os xingamentos, os olhares atravessados, os discursos de ódio são, no fundo, culpa da **heteronormatividade**. Não basta ser gay, pra sofrer homofobia você precisa parecer gay. E, quanto menos heteronormativo você for, as chances de ser vítima de violência são maiores. É por isso que a gente diz que as bichas afeminadas são a linha de frente da luta contra a homofobia. São elas, as que fogem completamente da heteronorma e calçam um salto agulha, que são as vítimas da homofobia mais escrachada.

A homofobia se disfarça de várias maneiras e pode passar na nossa frente sem a gente se dar conta. Coisas como ser cobrado por um jeito de andar, mandarem você engrossar a voz ou parar de ter trejeitos, ou quando te obrigam a engolir suas emoções e ser “mais macho” também são homofobia. São maneiras de controlar seus comportamentos para que você não pareça gay. Lembra daquela sua tia que quando descobriu que você é gay te disse que tudo bem ser gay, desde que você não desse pinta? Pois é, isso é um discurso homofóbico.

Mas, mesmo com as pessoas te cobrando pra ser heteronormativo, dê toda a pinta que você quiser. Pra quem não sabe, “dar pinta” é ser afeminado, dar close, cumprimentar as manas falando “inhaí”. Enfim, dar pinta é parecer gay e não ser heteronormativo. Se você não se sente confortável com isso, não precisa fazer, mas se é o que você quer, pode virar os 101 dálmatas inteiros de tanta pinta.

A homofobia é um preconceito e, como todos os preconceitos, precisa ser reconhecida nas nossas ações diárias e desconstruída no nosso dia a dia. Então, dá próxima vez que você vir alguém tendo alguma atitude homofóbica, levante e ajude o oprimido a se defender. Explique pra sua tia que não tem problema nenhum dois meninos namorarem e que isso não é um pecado. E, lógico, pare de rir de piadas homofóbicas.



SOCA UNICÓRNIO E ARCO-ÍRIS EM TUDO!

Você já ouviu falar de **pink money**? Talvez você já tenha visto esse termo na internet algumas vezes, mas você sabe o que significa? O pink money, que significa dinheiro rosa em inglês, é o nome que o pessoal usa pra falar do dinheiro que o público LGBTQIA+ gasta comprando blusinha, caneca personalizada, ingresso pro show da Beyoncé depois de esperar dois meses na fila. Todo o dinheiro que sobra depois de pagar as contas e que você, LGBTQIA+ gasta comprando qualquer coisa, é o pink money.

E a gente não tá falando de pouco dinheiro... São milhões! A maioria desse dinheiro vem de homens gays cisgêneros e brancos, que são o recorte da população LGBTQIA+ que possui maior poder de compra. Isso porque, além de viver

em uma sociedade que exclui pessoas por sua sexualidade, a gente também vive em uma sociedade sexista, racista e transfóbica. As LBGTIA+ e as bichas pretas ficaram um pouco atrás da galera GGGG branca, cisgênera e de classe média. A gente pode chamar essa galera de “os privilegiados entre os desprivilegiados”.

Essa grande quantidade de dinheiro rosa chamou a atenção de empresas e artistas que começaram a demonstrar apoio com a causa LGBTQIA+. Principalmente durante o mês do orgulho, estouraram empresas colocando arco-íris nos seus logos, fazendo produtos com bandeiras e unicórnios para todos os lados e contratando artistas LGBTQIA+ pra fazerem a propaganda de tudo isso.

Mas calma aí, gay! Não vai achando que toda empresa faz isso porque é bem intencionada e preocupada com o avanço das lutas sociais (chega a ser engraçado se você ler devagar!). Tem muita empresa oportunista que vende seu apoio à comunidade LGBTQIA+ só durante o mês do orgulho pra vender os seus produtos. Isso não é apoio, nós somos LGBTQIA+ o ano inteiro. É preciso ficar de olho pras empresas que encham seus produtos de arco-íris, mas demitem funcionários por serem LGBTQIA+, investem em propaganda anti-gay e apoiam candidaturas e governos conservadores e autoritários! O nome disso é pinkwashing.

E não é só com as empresas que estão contra a comunidade LGBTQIA+ que precisamos nos preocupar. Não invista seu pink money em empresas racistas e sexistas! Financiar a opressão das manas, mesmo que ela não caia sobre você, é muito ruim! Evite comprar blusinha com meme estampado de lojas de departamento que empregam pessoas em trabalhos análogos à escravidão! Fica bonito em você, mas vale a pena financiar a exploração de pessoas?

Também é preciso ficar atento com artistas e celebridades. Tem muito artista que vende uma imagem de apoio à causa LGBTQIA+, sobrevive do pink money e são verdadeiros embustes fora do palco. Não dê seu pink money pra artistas que “defendem” a diversidade nos seus clipes, mas são transfóbicos no Twitter, tiram foto com governantes

anti-LGBTQIA+ ou ficam omissos quando uma ameaça contra a comunidade surge.

Uma dica que a comunidade podia ter ouvido há bastante tempo: não dar o título de Diva LGBTQIA+ a qualquer outra pessoa heterossexual cisgênera que não seja a Madonna, a Cher ou a Rihanna (e mesmo assim, elas também estão sujeitas a cometer erros e precisamos ficar atentos). Nossas Divas LGBTQIA+ precisam ser LGBTQIA+! Tem toneladas de artistas de dentro da comunidade, produzindo arte boa pra caramba e perdendo visibilidade pra hétero oportunista! Essas pessoas não vão deixar você na mão quando a comunidade for ameaçada porque elas são a comunidade também. Invista seu pink money nelas!

Só porque você considera o trabalho bom, a música incrível e a coreografia viciante, não significa que você não possa ser crítico com as atitudes do artista. Até porque arte de qualidade não pode vir com homolesbotransfobia, racismo e sexismo de brinde, né?



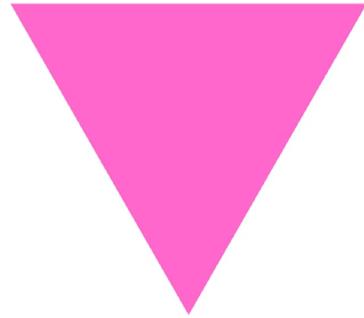
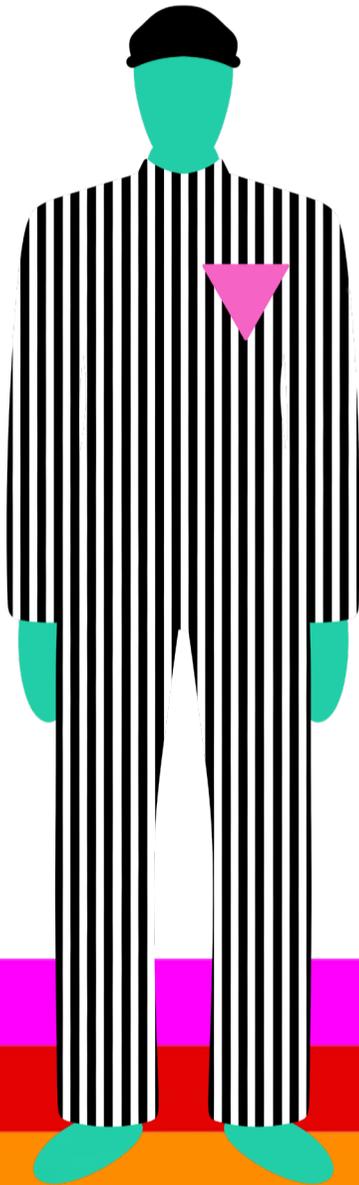
HOMO. SEXY. UAU!
TUDO SOBRE SER GAY

3

NÃO ENTENDEU? A
GENTE DESENHA

Nossa bandeira jamais será descolorida!

Os primeiros símbolos que representavam os homossexuais apareceram durante a segunda guerra mundial, quando gays e lésbicas carregavam triângulos costurados nas roupas dos campos de concentração, para serem identificados pelos nazistas. O triângulo que identificava homens gays era cor de rosa.



A bandeira LGBT foi criada por um cara chamado Gilbert Baker em 1978, para o Dia da Liberdade Gay de San Francisco. A primeira versão tinha oito cores, cada uma delas com um significado.

A bandeira que a gente conhece hoje, com as seis cores, foi feita um ano depois, em 1979, por causa da dificuldade de comprar o tecido rosa. A demanda por uma bandeira com um número par de cores fez com que o turquesa fosse removido também.



HOMO. SEXY. UAU!
TUDO SOBRE SER GAY

4

CAÔ X FATO

Isso é arte, meu querido!

Se você nunca conheceu nenhuma drag queen, tudo bem. Mas se você nunca viu nem ouviu falar de alguma, acorda pra vida! Em que mundo você anda?

As drag queens e a arte drag ficaram muito famosas nos últimos tempos. A grande culpada dessa fama toda, certamente é a RuPaul. Quem nunca ouviu falar do reality “RuPaul’s Drag Race”, onde várias artistas disputam pra ver quem é a melhor drag da temporada?

Mas, mesmo com as drags tomando conta dos palcos, de programas de televisão e até da indústria musical, ainda tem muita gente que não entende a arte drag. Como a arte drag usa questões de gênero para construir uma personagem, muitos tabus e preconceitos acabam vindo junto quando uma drag abre a boca para fazer uma piada ou sobe em um salto para fazer uma performance.

É por causa desses tabus (e porque a arte drag é a arte mais LGBTQIA+ que a gente consegue pensar), que a gente vai desmontar algumas dúvidas sobre essa forma de arte tão poderosa em quebrar padrões e paradigmas de gênero.

Toda a drag é homem?

Quando a gente fala em drag é comum que as pessoas logo imaginem um homem passando horas na frente do espelho, enchendo a cara de maquiagem e glitter. Isso não é 100% errado, a maioria das drags famosas são homens que performam feminilidades exageradas em uma personagem drag queen. Mas a arte drag é muito mais do que isso. Os drag kings, por exemplo, são personagens drag que utilizam os estereótipos de masculinidade para construir uma personagem e, geralmente, são feitos por mulheres.

E não é só isso. Os drag kings podem ser feitos por homens e as drag queens podem ser feitas por mulheres! A Elke Maravilha, por exemplo, foi uma mulher cisgênera que fazia drag queen em rede nacional!



Toda drag é gay?

Essa dúvida é muito comum, afinal, foi a comunidade gay que inventou a drag queen, certo? Errado: a drag queen existe há muito tempo, desde quando os homens gregos faziam personagens mulheres no teatro, já que elas não podiam atuar! Isso mesmo, homens héteros fazendo personagens que deram origem ao que a gente chama de drag queen, hoje.

Drag é arte e, como qualquer outra forma de arte, qualquer um pode fazer! Um homem hétero pode se montar, uma mulher lésbica pode se montar, pessoas trans podem se montar! Não precisa de um comprovante gay pra jogar maquiagem e purpurina no rosto e performar Lady Gaga, só precisa de talento.

Dragos são transgênero?

Essa é, de longe, a dúvida mais comum. A resposta é bem simples: não, drags não são pessoas trans porque, pra começo de conversa, drags não são pessoas! Mesmo que exista um artista por trás da drag, que faz a maquiagem, escolhe o look e dança, a drag é só uma personagem que a pessoa por trás usa.

Imagine que você está assistindo O Mágico de Oz no teatro. Você está vendo a Bruxa Má do Leste em cima do palco ou apenas uma artista interpretando uma figura que não existe? Com as drags é a mesma coisa.

A drag queen é uma personagem que existe só no palco. Fora dele, o artista por trás da drag vive seu gênero normalmente, como qualquer outra pessoa. Pessoas trans vivem seu gênero o tempo inteiro, a drag queen só existe em cima do palco. E, como a gente já comentou, pessoas trans podem fazer drag assim como pessoas cis. É arte usando gênero, não uma questão de identidade.

As drag queens querem parecer mulheres?

Você conhece alguma mulher que passe o dia inteiro se equilibrando em um salto plataforma de 15 centímetros, use seis meias calças, um vestido feito de lantejoulas, maquiagem pesada e um cabelo colorido até o joelho? São poucas, né.

As drag queens estão longe de quererem parecer mulheres. A arte drag pega essas características socialmente femininas (o salto alto, a maquiagem, a maneira de gesticular) e exagera. Exagera ao máximo a maquiagem, o jeito de falar, o brilho da roupa, as cores. As drags não estão aí para imitar mulheres, mas para condensar todo o universo feminino em uma personagem caricata.

Mas porque fazer isso? É simples, as drags exageram nos estereótipos de gênero exatamente para mostrar que o

gênero é completamente performático. Todos nós, o tempo inteiro, fazemos uma performance de homens, mulheres, pessoas não-binárias. As drag queens também fazem isso, mas escolheram exagerar um pouco na dose pra fazer arte e nos fazer pensar sobre o que é o nosso gênero.

Como bem disse RuPaul,

“Todos nós nascemos pelados, o resto é drag.”

Para que serve a arte drag?

Essa é uma pergunta bem difícil de responder. A arte, como um todo, não segue um propósito, não existe para ter a utilidade de um outro objeto qualquer.

Mas isso não quer dizer que a arte é inútil, a drag serve para duas principais coisas: problematizar, de uma maneira artística, padrões de gêneros impostos todos os dias pela nossa sociedade e; elas nos ajudam muito a criar um senso de identidade.

Como a gente comentou lá em cima, drag é a arte mais LGBTQIA+ que existe. Foi a comunidade LGBTQIA+ que fez as drags mais famosas, popularizou a arte e tornou ela uma ferramenta de combate. Aprecie a arte drag tanto nacional quanto da sua região. Conheça as drags da sua cidade, incentive os trabalhos desse pessoal que nos ajuda (e muito) a ter visibilidade. E, é lógico, se você estiver com vontade de se montar, cola bem a sobancelha, aqueça o que tiver que aquecer, bota uma peruca babadeira e se joga!



HOMO. SEXY. UAU!
TUDO SOBRE SER GAY

5

BABADO FORTE

Os vários jeitos de ser gay.

SUBCULTURAS NA COMUNIDADE

Existem várias formas de ser gay, ou as tribos, como a galera chama. Você que está recém começando a vida gay pode não conhecer todas elas e nem saber onde você se encaixa, por isso, a gente tá aqui pra te ajudar. Dá uma olhada em algumas das subculturas gays que você pode se identificar:



URSOS

são homens gordos, geralmente altos, peludos e carinhosos igual a um ursinho (ou não)! Normalmente nesse pacote sempre vêm incluso a barba, mas alguns ursos preferem manter o rosto livre dos pelos. É bem vantajoso se você não gosta de perder tempo batendo gillette.

CUBS

Em inglês, cub significa filhote. São os ursinhos mais jovens, que recém começaram no meio urso. Esses sim, têm tudo para serem Ursinhos Carinhosos, menos o arco-íris na barriga.



LONTRAS

são uma variação dos ursos, mas magros. Seguem sendo peludos e podem dormir de mãozinha com você.



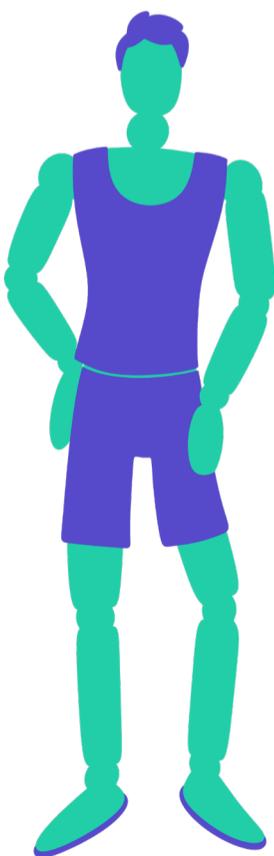
TWINKS

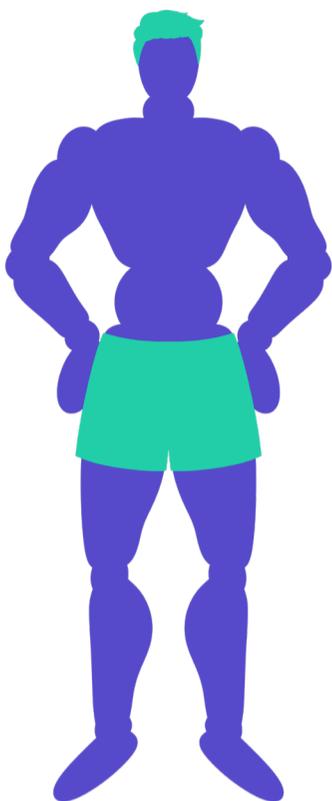
são garotos magros, jovens e livres de pelos. Podem até ter barba, mas geralmente não. A paciência pra depilar todo o corpo é tão grande, que não vale a pena deixar o rosto cheio de pelos.



TWUNKS

são que nem os twinks, mas mais velhos. Depois de uns 28 anos, já dá pra você começar a usar a palavra twunks, sempre lembrando de depilar até atrás da orelha.



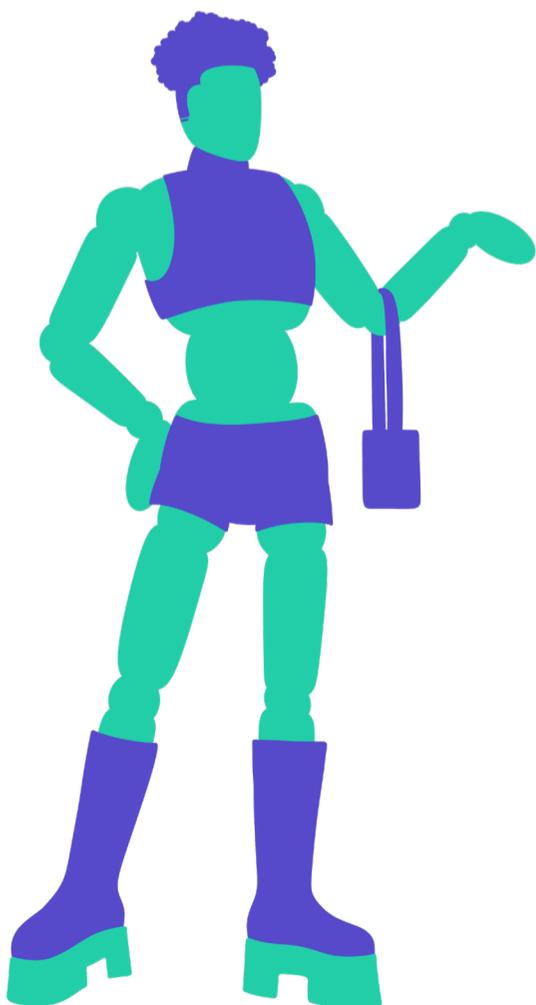
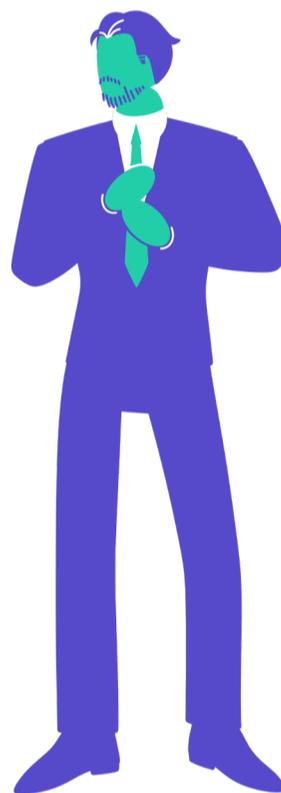


BARBIES

são os gays bombadinhos, movidos a Whey Protein. Adoram tirar foto no espelho da academia e ganhar uns biscoitos no instagram. Se você gosta de manter o exercício em dia e lavar a roupa no próprio tanquinho, esse é o seu rolê.

DADDY

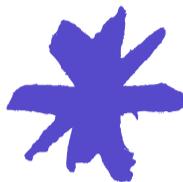
Vem do inglês e significa papai. É o gay mais velho. Existe uma variação: “Sugar Daddy”, que é aquele assalariado que sustenta o namorado (que, geralmente, é bem mais novo).



POC

“Poc poc” é o barulho do salto alto batendo no chão. As pocs são gays afeminadas e babadeiras, que chegam para arrasar em todos os lugares no salto 15. E vale lembrar que tem que ser afeminada pra ser poc, não é só comprar roupa de abacaxi na Renner.

Existem outras subculturas que você pode procurar se não se identificou com nenhuma dessas e é lógico que você não precisa aderir a nenhuma delas se você não quiser. Não é obrigatório fazer parte de uma subcultura ou usar outros rótulos além de “gay”.



6

PRA NÃO DAR
CLOSE ERRADO

Tudo nessa vida tem limite!

TEM GAY ERRANDO RUDEI!

Ser gay é só uma parte do que você é e não é impeditivo para você ser outras coisas além disso. Você pode ser gay e engenheiro; gay e jogador de futebol; gay e alpinista; gay e metalheiro. A moral é: sendo gay você pode ser, também, qualquer outra coisa! Inclusive ser preconceituoso e intolerante.

Se você procurar no dicionário o que significa ser gay e o que significa ser preconceituoso, vai descobrir que isso são coisas diferentes. Ser gay significa que você é um homem que gosta de homens, não que você é uma pessoa livre de preconceitos. A comunidade gay tá bem longe de ser um paraíso de aceitação e gays não são fadas desconstruídas, muito pelo contrário.

A comunidade gay é muito preconceituosa e parece não se dar conta disso. Sofrer homofobia vem servindo de desculpa para justificar comportamentos preconceituosos de homens gays. Mas que comportamentos são esses?

Vamos começar do começo:

A COMUNIDADE GAY É DESCARADAMENTE MISÓGINA E MACHISTA.

Quem nunca ouviu um amigo gay falando “Nasci de cesárea pra passar bem longe”? Depois disso começa uma série de comentários sobre como pepekass são nojentas e fedidas. É muito comum homens gays falarem que têm nojo de vulvas (várias e várias vezes) para reafirmarem que são gays. Algo como “se você não tem nojo de pepeka, você não é viado de verdade”. Querido gay, tá na hora da senhora aprender que ficar reproduzindo um nojo

estrutural ao corpo feminino não te faz mais gay, te faz só mais um babaca. E, não, não é engraçado.

Alguns meninos gays inclusive acham que o fato de eles não gostarem de mulher deixa eles livres pra pegar nos peitos das amigas. Garoto, te coloca no teu lugar! Pegar no peito de quem não te deu permissão pra isso é assédio, não importa se você gosta de homem ou de mulher. Falta de noção independe de sexualidade.

ALÉM DE MISOGINIA, EXISTE MUITO RACISMO NA COMUNIDADE GAY.

A hiperssexualização do corpo negro é escrachada no meio gay, principalmente em aplicativos de encontro. Tem muito gay branco que procura homens negros como parceiros, mas só pra sexo. Isso porque acreditam que os homens negros vão ser superdotados e bons de cama. Existe um senso comum racista de que os homens gays negros sempre são ativos e possuem um pênis enorme que serve para satisfazer os brancos.

Homens gays negros são vistos por muitos gays como objetos sexuais e apenas isso. O padrão de beleza branco tira os meninos negros da lista de preferência dos gays brancos, que disfarçam o racismo com a “questão de gosto”. Meninos negros não são vistos como possíveis namorados, maridos ou companheiros, apenas como sexo casual. E tem também o cara que diz “nunca fiquei com um negro, tenho curiosidade”, como se uma pessoa negra fosse a figurinha que falta para completar o álbum.

OUTRO PROBLEMA DA COMUNIDADE GAY É A GORDOFOBIA.

Homens gays gordos só são aceitos no meio urso e quando estão nos padrões dos ursos. Fora disso o corpo gordo é ridicularizado pela comunidade gay. Homens gays querem o padrão crossfit, o tanquinho e o bumbum malhado. Os homens gays gordos são esquecidos e ignorados pela comunidade gay, que não tem problema nenhum em dizer que tem nojo de gordura.

A COMUNIDADE GAY É AFEMINOFÓBICA.

Se você nunca ouviu esse termo antes, afeminofobia é o preconceito contra pessoas que fogem dos estereótipos e dos papéis de gênero, nesse caso estamos falando das bichas afeminadas. Se você entrar em qualquer aplicativo de encontros gays, você vai achar um batalhão de homens dizendo que “não curtem” afeminados. Isso tá longe de ser só uma questão de gosto.

Uma revista britânica fez uma pesquisa e descobriu que 71% dos homens gays não se sentem atraídos por homens afeminados. Pra piorar, 41% dos entrevistados acreditam que as bichas afeminadas mancham a imagem da comunidade LGBTQIA+. As bichas afeminadas são as que mais sofrem a homofobia, que vem de fora e de dentro da comunidade. Gay heteronormativo, você não é mais homem só porque não fica com afeminados. E parem de achar que as bichas afeminadas são só passivas.

Aliás, tá mais que na hora de parar com o falocentrismo na comunidade gay, né!? O planeta Terra não gira na volta de um pênis e você também não precisa girar. Até porque nem todos os homens têm um pênis e a comunidade gay esqueceu dessa parte.

Homens trans gays, existem e tão aí pra nos lembrar que a comunidade gay é absurdamente falocêntrica e transfóbica.

A COMUNIDADE GAY É ABSURDAMENTE FALOCÊNTRICA E TRANSFÓBICA.

Homens trans gays escutam absurdos como “mas você não tem pênis, como a gente vai transar?” ou “Se você gosta de homem porque virou um? Não era mais fácil seguir sendo mulher?” e eles não escutam isso só fora da comunidade gay. Além de exigir a presença de um pênis, tem outra coisa que os homens cis gays não entenderam: nem todo homem trans gay é passivo! Não é necessário ter um pênis pra ser ativo! Não é preciso ter um pênis pra transar! E homens trans são homens de verdade, não precisam de um pênis pra isso.

Qual a diferença do meio gay pro meio hetero? A resposta dessa pergunta geralmente é que, na comunidade gay, tem menos preconceito e as pessoas são mais livres para serem elas mesmas. Muitos homens gays acabaram esquecendo o bom senso em algum lugar no meio do caminho entre o armário e a vida assumida e sofrer homofobia parece que cegou esses homens para todos os outros preconceitos que existem na nossa sociedade. Ser gay não é garantia de que você não vai ser preconceituoso e, nesse quesito, a comunidade gay e a comunidade hétero não têm muita diferença.

Tá na hora de entender que, mesmo sendo oprimido por algum preconceito, você pode ser opressor de outras pessoas, inclusive das suas manas. Ser gay não te dá passe vip para passar por cima dos outros, é sua obrigação não ser machista, racista e transfóbico. Você pode até ser vítima de algum preconceito, mas é o agressor de outras pessoas e isso não é irrelevante. Não fique se iludindo, ninguém tem pena de um gay que ignora toda a realidade dos outros e se coloca em um pedestal de desconstrução.

HOMO. SEXY. UAU!
TUDO SOBRE SER GAY

7

PRA COLAR NA
PROVA

Te pareceu grego? A gente traduz!

* **Heteronormatividade-** um conjunto de padrões de comportamento, vestimenta, posturas, gostos que são socialmente impostos para que as pessoas não apenas sejam heterossexuais, mas pareçam ser hétero (mesmo que não sejam).

* **Heterossexismo-** é a pressuposição geral de que todo mundo é, ou deveria ser, hétero. Um exemplo disso são os materiais escolares, que só falam sobre casais/relações heterossexuais.

* **Heterossexualidade compulsória-** é o reforço e a disseminação midiática do heterossexismo. Pode acontecer também como uma invisibilização de pessoas LGBTQIA+ na escola, na família, na igreja, nos personagens fictícios.



8

PRA STALKEAR
GERAL

Não somos críticos de cinema, mas esses são
bons!

FILMES



Moonlight: sob a luz do luar

2017

Direção: Barry Jenkins



Sinopse: O filme mostra três momentos na vida de Chiron, um menino negro morador de uma comunidade pobre nos Estados Unidos. Acompanhamos junto com ele o bullying na infância, as crises na adolescência e a vida do jovem no universo do crime e das drogas.

Hoje eu quero voltar sozinho

2014

Direção: Daniel Ribeiro

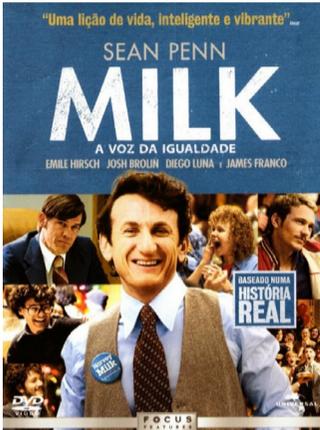


Sinopse: Leonardo é um adolescente cego que tenta lidar com a mãe superprotetora e buscar sua independência. Ele começa a descobrir seus sentimentos e sua sexualidade quando Gabriel chega na cidade e os dois começam a se aproximar.

Milk - A Voz da Igualdade

2008

Direção: Gus Van Sant



Sinopse: Harvey Milk é um nova-iorquino que decidiu morar com seu namorado Scott em San Francisco, onde abriram uma pequena loja de revelação fotográfica. Disposto a enfrentar a violência e o preconceito da época, Milk começa a lutar por direitos iguais e oportunidades para todos, sem discriminação sexual.

Handsome Devil

2016

Direção: John Butler



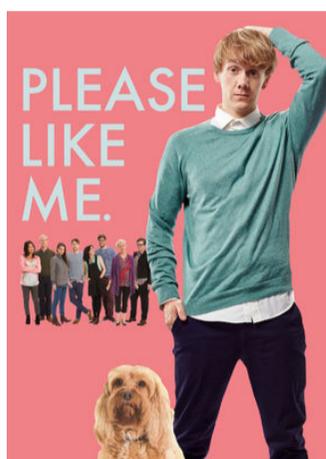
Sinopse: Ned e Conor são pessoas completamente diferentes. Um é jogador de rugby e super popular, o outro é considerado um “perdedor”. Contra a sua vontade, eles são forçados a dividir um quarto em sua escola e, inesperadamente, formam uma amizade improvável.

SÉRIES

Please like me (2016)

Josh Thomas

Sinopse: Josh acaba de terminar seu namoro com a jovem Claire por ter chegado à conclusão de que ele é gay. Agora ele embarca em um novo e complicado relacionamento com Geoffrey, enquanto tenta fazer sua família aceitar sua sexualidade recém descoberta.



Queer eye (2018)

Shannon O'Rourke, Woody Woodbeck, Elis Ortiz

Sinopse: O reality show acompanha os Cinco Fabulosos: o chef de cozinha Antoni Porowski; o designer de moda Tan France; o cabeleireiro e grooming expert Jonathan Van Ness; o decorador Bobby Berk; e o especialista em cultura Karamo Brown. Em cada episódio, o grupo usa seus conhecimentos para ajudar diferentes pessoas a lidar com as próprias inseguranças e recuperar a autoestima.

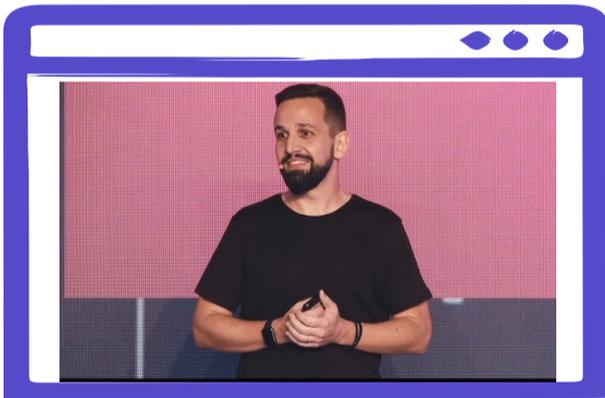


VÍDEOS



Sobre afeminadas e padrões de gênero

<https://www.youtube.com/watch?v=8hMXyzHr-6B0&t=173s>



Vamos falar sobre sexualidade?

https://www.youtube.com/watch?v=Rm2AoxyM_7c&t=68s

9

NÃO PEGOU A
REFERÊNCIA?

Pra quem tá procurando o que ler nas férias.

ATTITUDE. **Attitude's masculinity survey reveals almost 75% of gay men are turned off by effeminate guys.** 2017. Disponível em: <<https://attitude.co.uk/article/attitudes-masculinity-survey-reveals-almost-75-of-gay-men-are-turned-off-by-effeminate-guys/16267/>> Acesso em 19 jun 2019.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito.** Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

DAWSON, James. **Este livro é gay: e hétero, e bi, e trans...** Ilustrações de Spike Gerrell. Tradução de Rafael Mantovani. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2015.

EL PAÍS. **'Afeminofobia': o desafio de ser autêntico em um mundo que cultua o macho.** 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/28/estilo/1498676098_711307.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM&fbclid=IwAR1qOTdC3jyBECdoCWIHWN1fXZeYfdx-WaNzEjZ1n_pMj9j9pGgzMMP19_A> Acesso em 19 jun 2019.

HMC, Pedro. **Um livro para ser entendido.** São Paulo: Planeta, 2016.

KER, João. **A sede pelo pink money já foi longe demais.** Disponível em: <<https://revistahibrida.com.br/2018/07/10/a-sede-pelo-pink-money-esta-indo-longe-demais/>> Acesso em 04 jul 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUCCA, William de. **Repita comigo: Você não precisa odiar vaginas pra ser gay.** 2015. Disponível em: <<https://medium.com/@delucca/repita-comigo-você-não-precisa-odiar-vaginas-pra-ser-gay-ed735c400dbc>> Acesso em 03 jul 2019.

MICHELS, Eduardo; MOTT, Luiz; PAULINHO. **População LGBT morta no Brasil.** Relatório GGB 2018. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relatório-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>> Acesso em 08 jul 2019.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças.** 2a ed., 3a reimpressão, Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

PARA TUDO. **É drag ou é trans?** 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-rjhiwffVwI>> Acesso em 09 jul 2019.

PÕE NA RODA. **Gays negros reagindo a racismo nos aplicativos.** 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4NgE7jfOZAQ&t=202s>> Acesso em 03 jul 2019.

PÕE NA RODA. **Homens trans gays reagindo a transfobia nos apps (grindr, hornet, scruff).** 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ypWrfWHK5-I>> Acesso em 03 jul 2019.

PINHONI, Marina; REGADAS, Tatiana; LIMA, Thaís. **Drag queen é questão de gênero?** 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/drag-queen-e-questao-de-genero.ghtml>> Acesso em 08 jul 2019.

ROSA LUZ. **Parada LGBT e homopatriarcado.** 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9PLH-FwyNS8>> Acesso em 03 jul 2019.

SZKLARZ, Eduardo. **Por que os gays são gays?** 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/por-que-os-gays-sao-gays/>> Acesso em 08 jul 2019.

VARELLA, Drauzio. Homossexualidade - coluna #04. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rqi-UTb9f9Y>> Acesso em 08 jul 2019.

VITA, Vinícius de. **Ser gay não faz de um homem menos misógino.** 2016. Disponível em <https://www.huffpostbrasil.com/vinacius-de-vita/ser-gay-nao-faz-de-um-homem-menos-misogino_a_21686405/> Acesso em 03 jul 2019.

TESE ONZE. **Pink money e a diversidade de mercado feat. Dimitra Vulcana.** 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m4XKcdwd0r0>> Acesso em 04 jul 2019.



SOBRE AS AUTORAS

RENATA PORCELLIS



É gaúcha, mora desde a infância na cidade de Pelotas. Formada em artes visuais pela UFPel, especialista e mestre em educação pelo IFSul. Mãe da Samar e da Clara, duas meninas, uma trans e outra ainda uma bebê. Atualmente trabalha no Núcleo de gênero e Diversidade Sexual (NUGEDS) do IFSul campus Pelotas.



KAI KRAUSE

Nascido e crescido em Pelotas. Formou-se técnico em Química pelo IFSUL - Campus Pelotas e, até hoje, não sabe porque fez isso. Estudante de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal de Pelotas, futura bicha professora que busca educar para a diferença. Ainda tentando entender o que faz na Filosofia... Detesta escrever sobre si mesmo na terceira pessoa.

